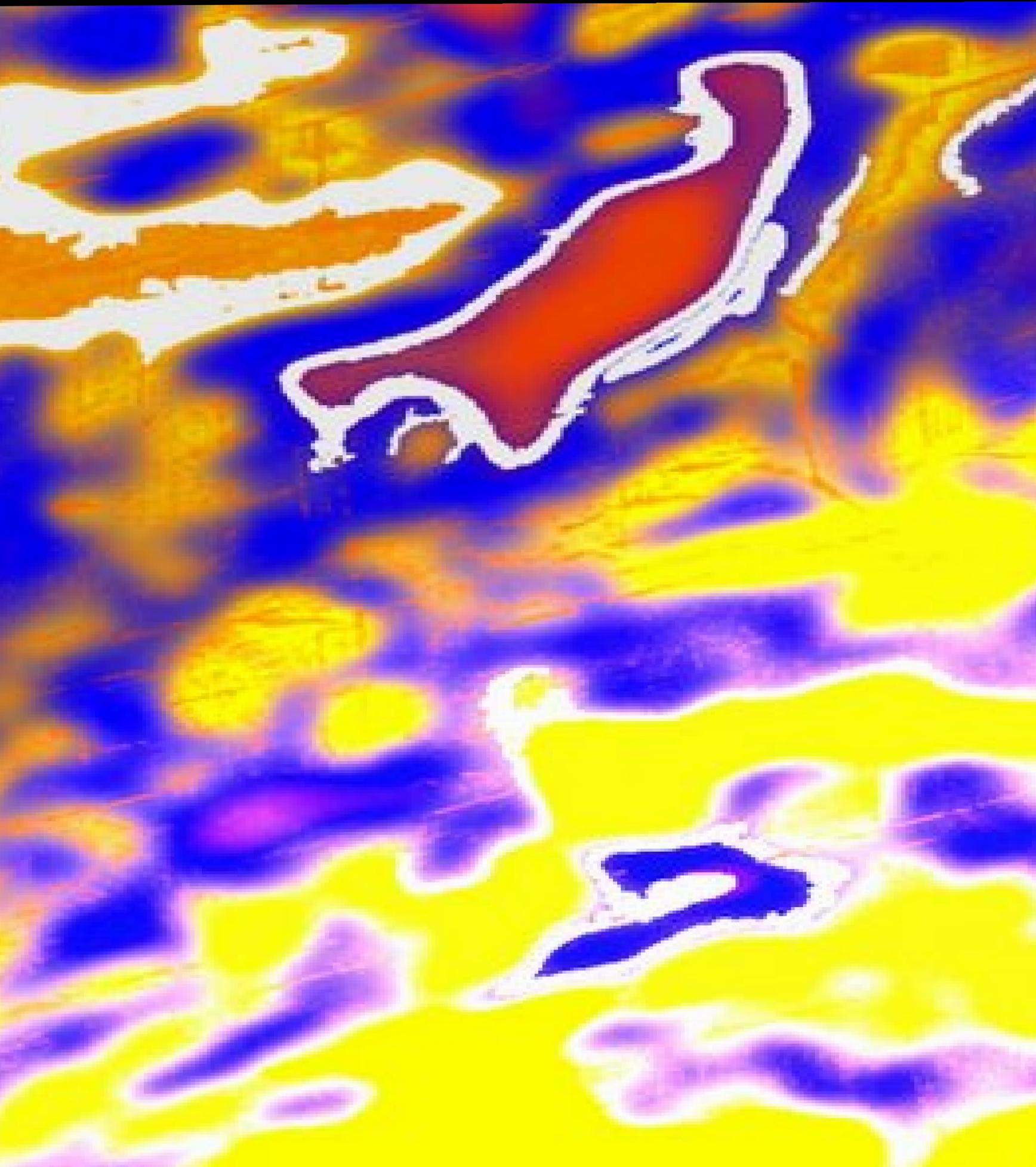


Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim



AOS LEITORES,

Nesta edição, o Nódoa no Brim sucumbe à poesia contemporânea.

É tempo de falar de poesia. Nada mais justo e necessário. Em dois artigos, apresentamos quatro escritores da Literatura Brasileira, quatro expressões líricas.

Desejamos uma bela leitura!

EXPEDIENTE

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MATO GROSSO: NÓDOA NO BRIM é um jornal criado em 2012, como projeto de extensão, pelo Núcleo de pesquisa Wlademir Dias-Pino, Universidade do Estado de Mato Grosso, sob a direção de Walnice Vilalva. Nasceu como suplemento cultural impresso pelo Diário de Tangará da Serra, Mato Grosso. Atualmente, continua como projeto de extensão da **UNEMAT** (portaria: 3676/2018), sob a direção de Walnice Vilalva, assumindo uma versão exclusivamente digital.

Abordamos assuntos relacionados à Literatura e a questões do contemporâneo. Nossa periodicidade é mensal e a circulação é nacional.

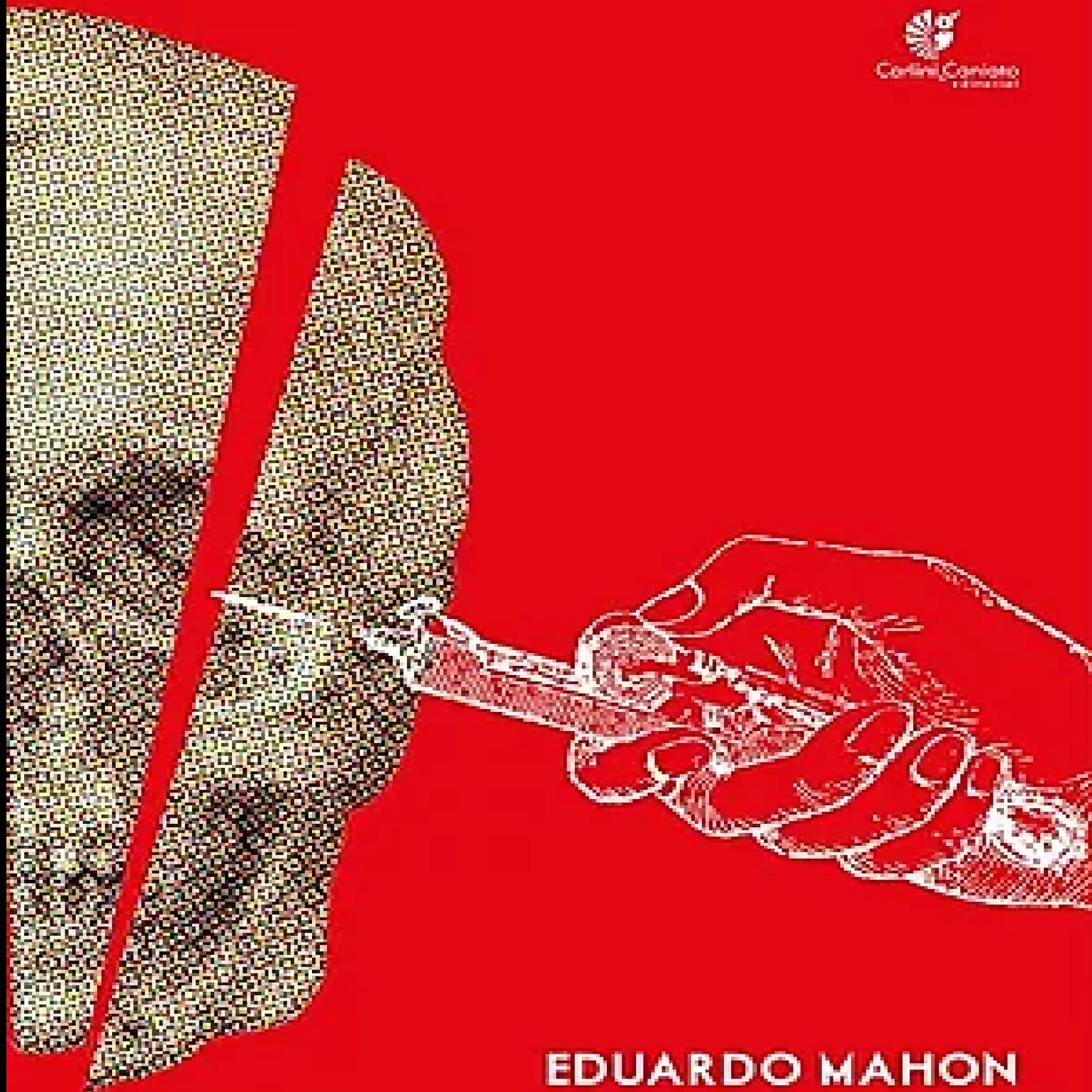
CONTATO

Por email: wdiaspino@gmail.com

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wlademir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

SUMÁRIO

CANTILENA	NEURALGIAS, 2013 (Eduardo Mahon)	3
	Querer e não querer: o percurso lírico mahoniano (Edson Flávio Santos)	5
	MUITO ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER (Walnice Vilalva)	9



EDUARDO MAHON

NEVRALGIAS

Nevralgias, 2013

Silêncio

Faço o silêncio da pedra sábia
Repasto de relva pra carrapicho
Toco esquecido pelos cupins

Me deixem na paz
De um coco murcho
Ninho oco das juritis

Deito no chão, encosto o rosto
Rezo às formigas e aos carunchos
Quero viver como raiz.

Meia palavra vasta, 2015

Ao seu lado,
a solidão calada
vive bem acompanhada.

**

Meu desejo,
estranho traço,
está a léguas
do cansaço.

Palavra de amolar, 2015

Gota que canta
vira chuva
O choro não;
é água muda

**

coisas que só o tempo faz
envelhecer, por exemplo,
é um voltar pra trás

Palavrazia, 2015

o tropeço
a pedra
o pé
na poça
a veia
salta
no canto
da coxa

o osso
exposto
na cabeça
alerta
a mão
o peito
a perna
aberta

o pé
quebrado
na porta
frouxa...
a pele
mole
o dente
pula
da boca
roxa

**

a esperança
boiou na cara
daquele tomara

Um certo cansaço do mundo, 2017

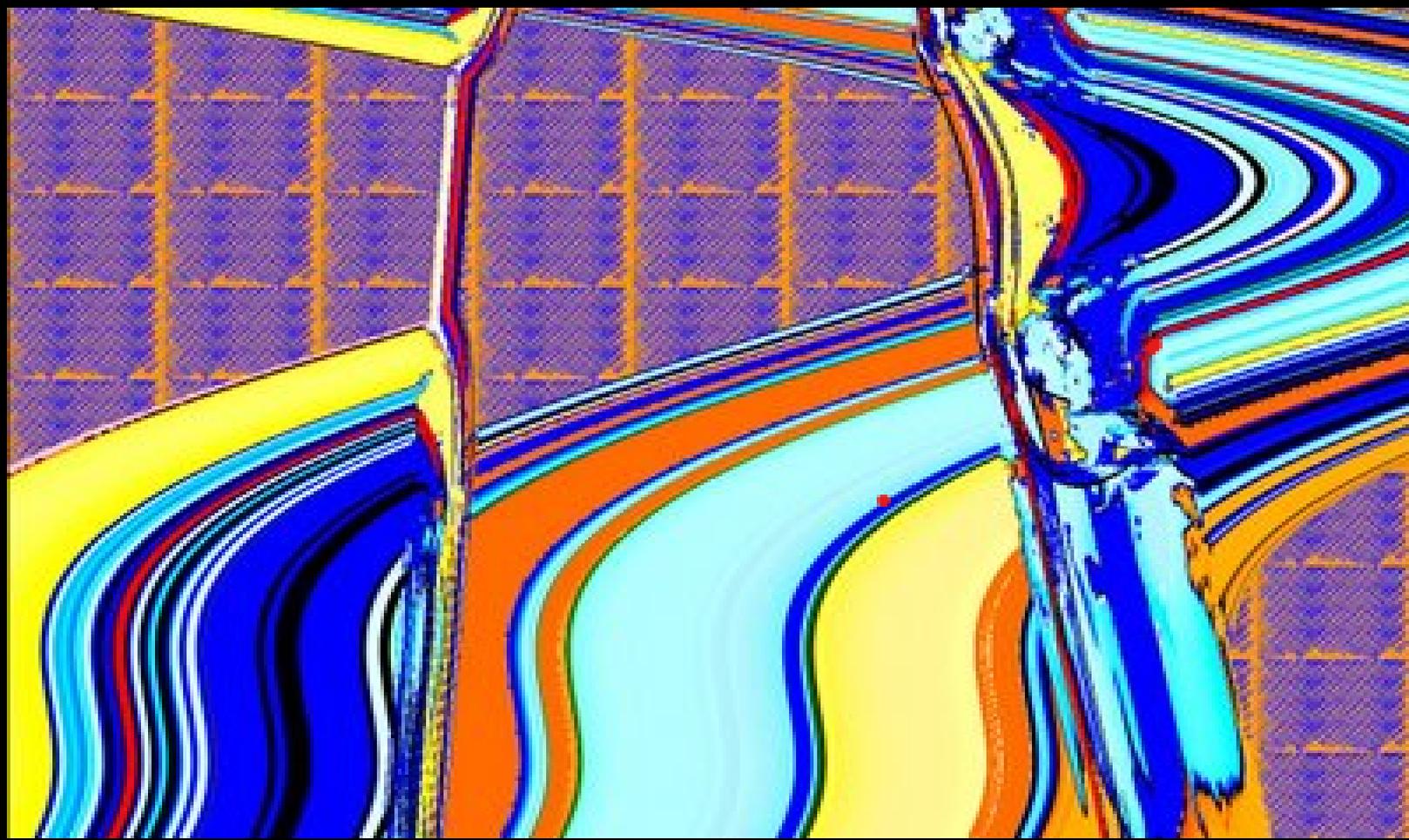
O que vem você fazer aqui, Pedro?
Não há clima, nem há rosas. Pedro,
não há encanto cândido e simétrico
das teorias jurídicas italianas.
Que engano, Pedro,
quanto erro o teu
em sair daquela vida de doutrinas
à cata de miragens de novos homens.
Não queres tocar no adubo, Pedro,
tens horror à imundície do estrume?
Pois saiba que é preciso sujar-se igual
da tua gente apodrecida e fermentada
que repousa neste solo velho e viciado.
Aprende a vida, Pedro,
aprende depressa:
o teu choro irriga a flor.

Quem quer ser assim sem querer?, 2017

. ser além
do ser
que pode
ser além
pelo que
pode ser

**

estar dentro
mas fora de mim
sem fundo, sem fim



QUERER E NÃO QUERER: O PERCURSO LÍRICO MAHONIANO

Edson Flávio Santos

Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Com dezessete livros publicados e incontáveis artigos de opinião e resenhas, Eduardo Mahon é, sem dúvida, um dos autores que mais publicam em Mato Grosso, nos últimos anos. O editor da Revista Pixé, carioca residindo em Cuiabá desde a década de 80, é um grande incentivador da literatura. Exemplo disso foi o Primeiro Prêmio Pixé de Literatura e outras ações culturais e artísticas em que Mahon está envolvido.

A pauta que me motiva, para uma conversa breve e sem pre-

tensão – pelo menos por agora – de aprofundamentos, é sua obra lírica, o que representa mais de um terço de sua produção até agora. Todas as obras aqui analisadas, bem como as posteriores, recebem o selo Carlini & Caniato, editora cuiabana que faz um belíssimo trabalho de edição e incentivo aos autores do estado.

Dos seis livros que compõem esse corpus, *Nevralgias* (2013), que conta com o belíssimo texto de orelha da também escritora Marília Beatriz, é a primeira obra em que Mahon

arrisca-se pelos meandros da literatura e aposta no jogo entre poemas e contos.

Desse momento inicial do autor é possível perceber que a lírica mahoniana, nas mais de três dezenas de poemas que compõem essa obra, não mantém a mesma estrutura entre si. Seus temas vão desde o calor cuiabano até a própria poesia. Nesse sentido, o autor não faz questão de explorar, exaustivamente, as bananas, os cajus, as mangas ou qualquer outro elemento local, como quem procura um elemento exótico em sua poesia para mostrar-se mato-grossense. Na verdade, ele foge desses padrões, diferenciando-se de outros poetas contemporâneos, sem diminuí-los por isso, como uma estratégia do autor que busca, a cada obra, imprimir seu próprio estilo.

Alguns poemas, como “Clarice” e “Pedra”, são escritos totalmente em tercetos, e “Poema de cristaleira”, todo em dísticos. Mahon não esconde sua inclinação pelos quartetos. Essa repetida apresentação de poemas, em quatro estrofes de quatro versos, nos remete à forma fixa do soneto, pelo número de estrofes. No entanto, o desejo do autor em escrever ultrapassa a limitação da quantidade de versos proposta pela tradição. Importa dizer que a obra alcança uma convivência harmônica, inclusive visual, entre prosa e poesia, que se revelam enleadas pelas imagens incríveis de Adir Sodré.

Pensando ainda nos elementos que compõem a obra em questão, podemos encontrar uma característica do autor que se desdobrará futuramente. Ao alternar contos e poemas, Mahon lança mão da experi-

mentação. Não podemos esquecer que é seu livro de estreia nas veredas literárias e é uma obra que mistura contos, poemas e imagens que acabam por sugerir um certo tipo de tensão. O que se encontrará na próxima página? Outro conto? Um novo poema? Uma imagem? Possuem relação entre si? Para onde o autor quer nos levar? Esse elemento de suspense, ou retardamento, a meu ver, representa um avanço na tentativa de encontrar seu estilo ou de estabelecer um pré-diálogo com suas obras posteriores, principalmente os romances. Estaria o autor testando seu leitor?

No ano seguinte, 2015, Mahon lança a trilogia Palavrazia, Meia palavra vasta e Palavra de amolar, que, se eu pudesse, consideraria um livro só: o livro da palavra. Escritos apenas com poemas, os três livros denotam, na nomeação da capa, uma proposta muito clara e que se efetiva ao longo da trilogia que é o trabalho com a própria palavra.

O processo criador nasce com a própria palavra. Ao encontrar diversas formas de experimentação lírica, eu acredito naquilo que disse Emil Stai-ger (1997, p.50) que “falar-se sobre versos líricos, julgá-los e fundamentar o julgamento é quase impossível”. E tratando-se dos versos de Mahon torna-se ainda mais difícil esse julgamento, pois o autor nos apresenta não uma, mas três obras completamente diferentes da proposta lírica de Nevralgias (2013). Enquanto o primeiro ultrapassa os versos do soneto, a trilogia de 2015 avança agora para uma economia de versos.

Nos três livros, a simbologia do número três se repete não

apenas em tercetos, dispersos pela trilogia, mas na dedicatória de Palavrazia, na qual o autor oferece as obras aos três filhos gêmeos.

Em Palavra de amolar, o autor revela o desejo de ver a palavra esmiuçada, encurtada

curta
a palavra
curta (AMO)

em que a ausência do tema
é o próprio poema

na falta
de tema
criou o poema (AMO)

ou o próprio gesto de escrita
é proposto

poetizei
que um dia
poeta virei (VAS)

reduzindo o verso até que
não sobre nada dele

se
ave,
voe. (AZI)

Há uma visualidade muito importante nos poemas mahonianos. No entanto, não o categorizo como poeta-visual. O que vejo em Mahon é um poeta que ousa experimentar todas as formas possíveis da própria palavra. Amparado no que diz Gillo Dorfles (1992), vejo que a lírica do autor se apodera das novas dimensões que a palavra pode alcançar. Dimensões amplamente exploradas por outros poetas mato-grossenses, que o autor diz serem os “precursores da mentalidade vanguardista”, como Wladimir Dias-Pino, Silva Freire e Gervásio Leite. Estes dois últimos lembrados no que chamamos de poemas-homenagem.

Numa trilogia em que as páginas não são numeradas, os poemas desenvolvem-se em todas as direções do papel, resignificando o lugar da própria palavra enquanto matéria de poesia. Uma palavra visivelmente pensada e aquilo que, por vezes, não é considerado poético também “cabe no poema” de Mahon com uma nova e, por vezes, inédita virtude expressiva. Em outras palavras, aquilo que não serve para alguma coisa, serve para sua poesia

em matéria de poesia
o que muito serve
não tem serventia (AZI)

As escritoras Marilza Ribeiro (Palavra de amolar), Cristina Campos (Meia palavra vasta), Marli Walker (Palavrazia) enquanto prefaciadoras e Marília Beatriz (Posfácio de Palavrazia) compõem as leitoras de primeira hora de Mahon nessa empreita e levantam questões importantíssimas para aqueles que possam a vir se debruçar sobre as obras poéticas do autor.

Em 2017, Mahon publica seus dois últimos livros de poemas, até então: Um certo cansaço do mundo e Quem quer ser assim sem querer?. As publicações posteriores serão de contos e romances.

O dueto parece ser um resquício do que ficou por ser dito na tríade anterior. “Metro e ritmo não são a mesma coisa” já disse Octávio Paz (1990), e isso pode ser bem observado nessas duas obras em que o autor se vê mais conciso ainda em páginas que mudaram de tamanho em relação às publicações anteriores. Em “Quem quer...” a palavra, literalmente, se espreme no papel

me
ar
de
ver
tan
to
ver
de

Parecem-me livros publicados com poemas não incluídos nas obras anteriores, como se o autor ainda necessitasse dizer algo a mais e só assim terminar seu primeiro ciclo lírico para dar início a um novo ciclo de livros, agora apenas em prosa. Ao menos podemos constatar que suas publicações posteriores foram todas dedicadas ao gênero narrativo.

Diferencialmente de Nevrálgias (2013), que mistura prosa e poesia, nesse momento, Mahon, separa os poemas na obra Quem quer ser assim sem querer? e o que eu chamarei de prosa-poética está reunida em Um certo cansaço do mundo. Embora o autor mantenha a tipografia semelhante das últimas obras, nas quais as letras parecem apartarem-se das palavras, esses dois exemplares têm um tom diferente das demais publicações. Não há apenas um certo cansaço como diz o título do livro. Talvez, o estado de espírito do autor tenha ditado as condições de um eu-poemático que não consegue ser feliz num mundo em desencanto

Sinto um vazio
De peixe sem rio (Quem quer...)

Um vazio que leva esse eu-lírico a declarar que “O verdadeiro amor não existe” (Um certo ...) ou o tradicional “To be, or not to be” de todos os poetas

agora estou
querendo ser
quem eu sou (Quem quer...)

Em “Um certo...”, há momentos em que seus poemas conversam com grandes nomes da literatura brasileira como “O que vem você fazer aqui, Pedro?”, que nos remete ao inesquecível “E agora, José?”, ou ainda de nomes além-Brasil, como em “Quem me compra uma poesia?”, verso que nos lembra a obra do escritor português Afonso Cruz, “Vamos comprar um poeta”.

Ainda de acordo com o crítico e poeta argentino Octavio Paz (1990), “as imagens recriadas pelo poeta têm origem na sua visão e experiência de mundo”, e eu avanço dizer que no caso de Mahon é sobre a própria obra que ele observa e se debruça. Sua experiência vem desse voltar-se para si mesmo. Não em um ato vaidoso ou soberbo, mas como um autor preocupado com o dever. Um autor que, ao longo das seis obras analisadas, revela sua techné, que se elabora sobre o próprio gesto de escrita, demonstrando um claro domínio e consciência do fazer poético.

E é essa consciência, aliada à intensa produção literária, que o credencia e coloca o autor no patamar dos grandes escritores do estado e do país, e que pode e precisa ser estudado não apenas isoladamente, mas dentro de um sistema em que ele mesmo tem o seu próprio projeto literário.

Referências Bibliográficas
DORFLES, Gillo. O dever das artes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Trad. Pier Luigi Cabra; Ver. Eduardo Brandão.

MAHON, Eduardo. Quem quer ser assim sem querer?. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2013.

MAHON, Eduardo. Meia Palavra vasta. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2015.

MAHON, Eduardo. Nevralgias. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2013.

MAHON, Eduardo. Palavra de amolar. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2015.

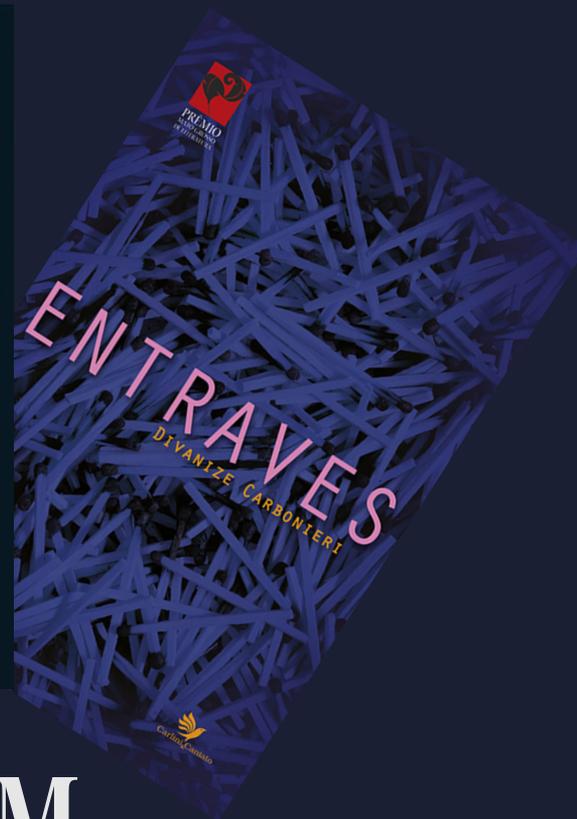
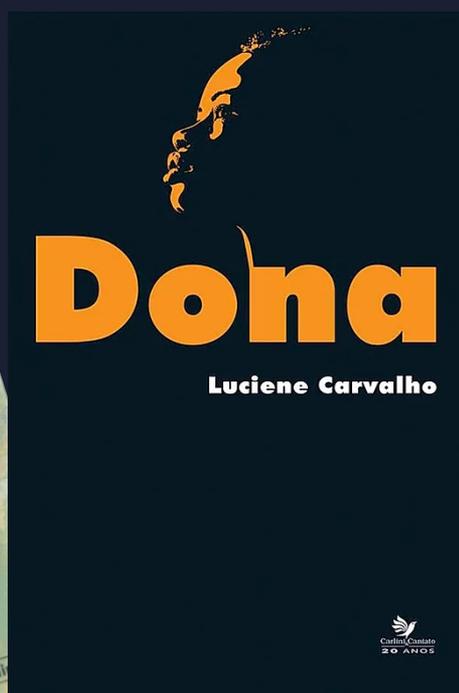
MAHON, Eduardo. Palavrazia. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2015.

MAHON, Eduardo. Um certo cansaço do mundo. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2017.

PAZ, Octavio. Signos em rotação. São Paulo: Perspectiva, 1990.

STAIGER, Emil. Conceitos Fundamentais da Poética. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.





MUITO ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER

Walnice Vilalva

Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

De noites em noites, três poetas me fazem companhia, ocupam as minhas madrugadas. A lei que rege nesses tempos é um descanso da vigília, da hipocrisia burguesa. Um certo alívio do mundo. Um passo do instante. Íngreme talvez. São três os livros dessas madrugadas: O passo do instante(2019), Lucinda Persona; Dona (2019), Luciene Carvalho; Entraves (2017), Divanize Carbonieri. Três consciências poéticas, cadências e melodias díspares. Palavras feito ruído singular, sintonia feito moldura para qualquer ocasião. Certo é que pode ser mel ou fel; amanhecer, depois que a sombra tomou conta do mundo. Pode ser só relento. Quase nunca acalento.

Em toda pupila
Há uma noite armazenada
Onde as constelações se espalham
Como farinha (que o caruncho não rói)
(Persona, Lucinda. O Passo do instante. 2019)

Em O passo do instante, a palavra nasce feito irmandade, vai costurando o cotidiano como se seu tecer pudesse fazer nascer o sol, os dias sem fim, “compondo secretas pegadas”. Há, em tudo, um cheiro de morte mais que de vida como “o músico crepitar das folhas secas”. Mais passado que presente ao relento. De toda palavra, a sonoridade suave (“amarelo da tarde”) se transformando em sombra que cobrirá o mundo. Há uma rigorosa harmonia sonora e

muito mais forte que o apelo visual da palavra-imagem. O verso quase sempre curto, remenda-se no próximo verso, sem pressa, alinhando o mundo em melodias: “a brisa e o sopro das palavras” são o princípio de tudo. A gênese do livro: “O passo do instante”. Um fôlego quase sem fricativas (e muito mais oclusivas) desenhado em palavras-sons com predomínio de tonicidades fechadas, com consoantes nasais e vogais fechadas (consoantes m/n; alinhado i/o/u/: caminho/campânulas, compondo/mesmo/dono/suspensos/sombra/formar/bando/ponto/nem/esforço/silêncio/morto). Sonoridade que imprime o fechamento da noite, da vida, da morte. A suavidade dos versos de Lucinda Persona faz-se em nosso cobertor no mundo. Aquece sem levar a dor.

Dona, de Luciene Carvalho, como uma estrela da vida inteira, “Ou quase isso”. E diante do livro, ao abri-lo, uma questão me consome de imediato, antes mesmo da primeira leitura. Quem pode ser Dona? O tempo decorrido, o tempo do vivido aloja percepção sobre a existência. Ao imprimir o desejo “de dizer”, pela arqueologia da voz, sem tom solene, feito palavra falada com ardor, paixão, ódio, dor, perfaz-se as fases da vida, de meninice a mulher madura. Eis Dona: resultado do princípio de refazer-se em travessia, num tempo do vivido. Cada palavra no verso espreita, portanto, a força da memória, a força do passado. A voz feminina não cessa. É a voz que irrompe em diálogos, em contrapontos, contrastes, conflitos. É a voz que não quer sucumbir ou silenciar-se:

Estranha solidão traz os anos
em que
povoada de memória
(...)

viram cabides pendurados
no passado
(...)
(CARVALHO, Luciene. Dona.
2019)

Se, por vezes, o verso pode ser nostálgico, não se engane. O ritmo predominante é o da eloquência do “Eu” como consciência. É a configuração do sujeito reconhecendo-se em seu palmilhar, na constatação de “Eu”. Sem brios e sem pudor. É a palavra por isso mesmo empenhada em dizer. A palavra descabida em risco. A palavra que revida e assina a sina.

A identidade periférica
no passar dos anos
desprende-se da vergonha,
desfaz-se da cor tacanha
e se assina
(...)

(CARVALHO, Luciene. Dona. 2019)

Há um livro para cada noite, feito histórias de Scheherazade, mesmo sem marido-rei, em tempos de isolamento social e pandemia, prevalece a iminência da morte. Entraves, de Divanize Carboniere, é o terceiro livro de minha seleção. Mais uma impressionante expressão poética. A construção imagética de uma cosmogonia, na correspondência (significante) que se dissipa (em prazer) para a ordem das coisas que se conta/sente, sem receio, sem transbordamento. Feito fosse um murmúrio. Não que seja o mais seguro ou o mais discreto, o murmúrio. Nada disso. O lirismo, em Entraves, carrega em tudo um ranço indelével de vida, em subordinadas existências. Quiçá restos, entraves:

“o precisado sempre foi pouco/
mas os trastes se proliferaram/
nessa morada concomitante.”

A palavra assevera um princí-

pio de explicação sem ardor em conjurar o presente, sem medo e sem amargor. De saber sem promessa de revelado “jardim das delícias”, não é poesia como procissão, para promessa, tão pouco para confissão. A palavra manifesta-se, duplamente, em interesse e desinteresse (do “eu”) de que disso se espera amplamente a possibilidade de escuta, na “morada das feras”.

o machado no pescoço
osso passado na lâmina
a alma solta e valente
rente ao nodo da garganta
se agiganta mais ao golpe
torpe mas gentil da foice
Que ceifa a linha da vida
Entretecida na carne
No cerne rosa da fé
(...)

(CARBONIERI, Divanize. Entra-
ves, 2017)

A palavra impingida na dissolução da aura, sem falsear estranhamento algum em capturar o mundo. É a palavra das existências, numa lírica consumida pela expressão do reiterado e repetido mundo movente.

Apresentei-lhes, com brevidade, três impressões de leitura. Três livros. Três lirismos,.....e a poesia em minhas noites, sem marido-rei, sem vontade de dormir.

Referências

CARBONIERI, Divanize. Entraves. Cuiabá: Carlini Caniato, 2017.
CARVALHO, Luciene. Dona. Cuiabá: Carlini Caniato, 2019.
PERSONA, Lucinda. O passo do instante. Cuiabá: Entrelinhas, 2019.